



Pedro Alves

**Abuso Sexual entre adolescentes: Um estudo de caso**

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Licenciatura em Criminologia

Porto, 2020





Pedro Alves

**Abuso Sexual entre adolescentes: Um estudo de caso**

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Licenciatura em Criminologia

Porto, 2020

Abuso Sexual Entre Adolescentes: Um Estudo de Caso

Universidade Fernando Pessoa

Faculdade de Ciências Humanas e Sociais

Licenciatura em Criminologia

**Abuso Sexual entre adolescentes: Um estudo de caso**

Pedro Alves

---

Projeto de Graduação apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade Fernando Pessoa como parte dos requisitos para a obtenção do Grau de Licenciatura em Criminologia.

## **Resumo**

Tem lugar na adolescência, o período em que se dá no ser humano, um conjunto de alterações, físicas, mentais, emocionais, sociais e sexuais. É por tanto, nesta fase, que se verifica um aumento do interesse e da curiosidade pelos aspetos relacionados com a sexualidade, e que, por consequência, resultam na experimentação e adoção de comportamentos sexuais.

Em alguns casos, que não correspondem à norma, os comportamentos sexuais perpetrados têm contornos violentos.

Assim, o comportamento sexual abusivo na adolescência, é um tema que cada vez mais, tem captado a atenção dos especialistas, que se têm debruçado sobre esta problemática, investigando e desenvolvendo estudos com o intuito de perceber sobre as várias características e especificidades relacionadas com os jovens que cometem este tipo de desvio comportamental.

Como tal, este projeto de graduação pretende através da revisão da literatura e do estudo de um caso de abuso sexual entre adolescentes, tentar identificar as possíveis motivações que possam impulsionar tais comportamentos abusivos.

**Palavras-chave:** adolescência, sexualidade na adolescência, abuso sexual na adolescência, violência sexual.

## **Abstract:**

In adolescence, the period in which a set of alterations occurs in the human being, physical, mental, emotional, social and sexual. It is therefore, at this stage, that there is an increase in interest and curiosity about aspects related to sexuality, and that, consequently, result in the experimentation and adoption of sexual behaviors.

In some cases, which do not correspond to the norm, the sexual behaviors perpetrated have violent contours.

Thus, abusive sexual behaviour in adolescence is a subject that has increasingly attracted the attention of specialists, who have addressed this issue, investigating and developing studies in order to understand the various characteristics and specificities related to young people who commit this type of behavioral deviation.

As such, this undergraduate project aims through the review of the literature and the study of a case of sexual abuse among adolescents, to try to identify the possible motivations that can drive such abusive behaviors.

**Key words:** adolescence, sexuality in adolescence, sexual abuse in adolescence, sexual violence.

## **Agradecimentos**

É com um enorme sentimento de gratidão, que a todos os que fizeram parte deste meu trajeto acadêmico, dedico os meus sinceros agradecimentos.

Nomeadamente:

À Universidade Fernando Pessoa e a todos os seus docentes, funcionários e colaboradores, que desta fazem uma instituição de ensino prestigiante e de excelência.

Aos meus encarecidos Professores, pelo seu contributo na partilha do seu tempo e de toda a sua sapiência.

Em especial, ao Excelentíssimo Professor Doutor José Soares Martins, a quem jamais poderei retribuir com toda a justiça, tudo aquilo a que se propôs na qualidade de meu Orientador.

Aos meus familiares, especialmente aos meus pais, por todos os esforços realizados no sentido de me ajudar a alcançar os meus objetivos.

A todos, o meu muito obrigado.

## **Índice**

<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>I. Enquadramento Teórico</b>	<b>3</b>
1.1 Adolescência	3
1.2 Sexualidade na adolescência	8
1.3 Adolescência e desvio sexual	11
1.4 Teorias explicativas dos comportamentos sexuais abusivos na adolescência	14
<b>II. Estudo Empírico</b>	<b>19</b>
1.1 Justificação	19
1.2 Objetivos do estudo	19
1.2 Objetivo geral	19
1.4 Objetivo específico	19
1.5 Métodos	20
1.6 Instrumentos	22
1.7 Participantes	23
1.8 Procedimentos	23
1.9 Resultados prováveis	24
1.10 Discussão dos resultados prováveis de acordo com a teoria	25
<b>Conclusão</b>	<b>27</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>28</b>
<b>Anexos</b>	<b>31</b>

## **Índice de Siglas**

**CPCJ** – Comissão de Proteção de Crianças e Jovens.

**X** – Jovem agressor

## **Introdução**

O presente Projeto de Graduação, intitulado de “Abuso Sexual entre adolescentes: Um estudo de caso”, que integra a fase final do curso de Criminologia da Universidade Fernando Pessoa, serve o propósito obrigatório, para a obtenção do título de licenciatura.

A escolha deste tema, surge no decurso da unidade curricular “Estágio”, que teve lugar na Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Gondomar, onde me foi concedida a oportunidade de acompanhar de perto, um processo de promoção e proteção que configurava a tipologia de “abuso sexual”, onde agressor e vítimas eram todos menores de idade. O caso chamou a nossa atenção pela particularidade dos seus contornos, o que motivou a nossa curiosidade a fim de perceber mais sobre o fenómeno e sobre os vários fatores que possam ter motivado tais comportamentos desviantes.

Sendo o abuso sexual de menores, um tema que suscita grande preocupação junto da sociedade, e que tem merecido cada vez mais a atenção dos especialistas, vêm-se a desenvolver estudos, que em muito têm contribuído para o melhor entendimento sobre a problemática.

Pelo facto, dos estudos existentes no âmbito do abuso sexual, terem maior incidência sobre os atos de abuso sexual cometidos por adultos, percebeu-se a pertinência da elaboração da revisão da literatura sobre o fenómeno, onde o perpetrador do comportamento sexual abusivo é no entanto menor de idade, mais precisamente, o individuo que se encontra na fase da adolescência.

Assim, o objetivo a que se propõe este Projeto, é o estudo de um caso, que visa perceber e identificar as motivações, que possam ter contribuído para a prática dos comportamentos sexuais abusivos praticados em tão tenra idade, por parte de um menor para com outros da mesma idade ou mais novos, de forma reiterada.

Assim, este Projeto está dividido em duas partes: uma primeira parte dedicada ao enquadramento teórico, onde serão abordados vários conceitos, nomeadamente sobre a adolescência, a sexualidade na adolescência e os comportamentos sexuais abusivos na adolescência bem como as teorias multifatoriais e a teoria da aprendizagem social de Bandura e numa segunda parte, que se debruça sobre a parte empírica do estudo onde

constam a justificação do estudo, a metodologia utilizada para a execução do mesmo, os instrumentos utilizados, os participantes, os procedimentos, a discussão dos resultados prováveis e a discussão dos resultados prováveis de acordo com a teoria.

## **I. Enquadramento Teórico**

### **1.1 Adolescência**

O conceito adolescência, até ao final do século XIX, não era visto como um período do desenvolvimento humano, ou seja, na altura acreditava-se que o indivíduo transitava diretamente da infância para a idade adulta sem qualquer tipo de fase intermediária, a esta fase, há altura, não eram também consideradas quaisquer características diferenciadoras e significativas do plano do desenvolvimento (Ferreira & Nelas, 2006).

Durante longos séculos, pensou-se que uma criança estaria preparada para desempenhar as funções de um adulto e ser tratada como tal entre os 6 e os 7 anos de idade (excetuando um pequeno conjunto de crianças ricas, nascidas e criadas em boas famílias), as crianças trabalhavam juntamente com os adultos nos campos, lutavam e morriam nas guerras, trabalhavam nas minas e com o surgir da industrialização, estas trabalhavam de manhã à noite nas fábricas, onde muitas, morriam em acidentes de trabalho ou por doença Sprinthall e Collins, (1994).

É, no entanto, no início do século XX que segundo Martins, et all. (2003), se começam a desenvolver múltiplos estudos e teorias com o objetivo de entender o desenvolvimento do ser humano e por consequência, o período da adolescência, abordando vários aspetos como o físico, o emocional, o cognitivo e o social.

De acordo com G. Stanley Hall (1904), que segundo Sprinthall e Collins (1994), é para muitos, o mais importante pioneiro no campo dos estudos da adolescência e do desenvolvimento humano, situando a fase da escolaridade básica entre os 7 e os 13 anos, caracterizando-a como um período turbulento de barbaridade, onde as crianças eram incapazes de possuir funções mentais superiores, como a razão, a moral, a religião, o amor e a simpatia. A infância era então, constituída por uma simples coleção de associações primitivas e um período de desenvolvimento com coisas passadas. O início da adolescência ou segundo nascimento era considerado a partir dos 14 anos, onde o adolescente poderá passar por todos os estádios anteriores e alcançar novos auges do desenvolvimento, podendo agora, durante a adolescência tornarem-se seres superiores. A adolescência era vista como um período maleável e era também, caracterizada como uma fase difícil, pois recapitulava um período histórico de transformações rápidas e caóticas ligadas à civilização. O autor acreditava, que a salvação da raça humana

consistia na forma como os indivíduos adultos respondiam às necessidades dos adolescentes.

Margaret Mead (1949), de acordo com o estudo que realizou na ilha de Samoa, que visava estudar o desenvolvimento do adolescente entre os nativos, observou que o crescimento era tranquilo e livre de conflitos e pressões. Na cultura da ilha de Samoa os acontecimentos da vida como o nascimento o sexo e a morte eram vividos de uma forma franca e aberta. A transição da infância para adolescência era calma e gradual. As crianças desde muito novas eram responsáveis por desempenhar certas tarefas indispensáveis para a comunidade, contudo, adequadas às suas capacidades. As tarefas desempenhadas eram elogiadas e recompensadas de forma igualitária e condizentes com as idades dos jovens. Na ilha de Samoa, existiam também, formas institucionalizadas para lidar com os conflitos interpessoais entre os adolescentes e os seus pais.

Para Erick Erikson, o desenvolvimento humano é na sua perspectiva psicossocial, segundo Miranda (2012), baseada em oito estágios psicossociais:

- Confiança versus Desconfiança; é o primeiro estágio, onde a criança deve adquirir a habilidade básica que é a confiança, no ambiente onde está inserida e através da interação com as pessoas que cuidam dela. Estabelecendo, enquanto bebé, a sua primeira relação social. Quando as necessidades básicas não são atendidas, a criança desenvolve comportamentos de desconfiança, insegurança e ansiedade, o que indica a formação de alguns traços da personalidade.
- Autonomia versus Vergonha e Dúvida; é o segundo estágio, onde a criança irá aprender habilidades linguísticas, manipulação de objetos, surgindo um senso confortável de autonomia. Nesta fase, críticas em excesso direcionadas à criança poderão gerar sentimentos de dúvida ou vergonha em relação ao próprio. Os autores destacam ainda, que Erick Erikson, refere que a vergonha é na verdade raiva dirigida ao próprio, fruto da impossibilidade de poder fazer algo sem estar expostos ao demais.
- Iniciativa versus Culpa; é o terceiro estágio, e por sua vez, responsável pelo desenvolvimento do estágio psicosexual genital-locomotor ou a capacidade da iniciativa. Este é um momento de maior maturidade física e mental, onde se verifica o planeamento das próprias tarefas, podendo associar a autonomia e a confiança, que irão determinar a iniciativa, pela expansão intelectual.

- Diligência versus Inferioridade; é o quarto estágio, onde se verifica na criança a necessidade de controlar a sua fértil imaginação, direcionando-a para o processo da educação formal. Momento em que a criança aprende sobre as recompensas da diligência e da perseverança. O interesse pelos próprios brinquedos abre espaço a novas atividades, mais produtivas e com outros instrumentos. Fase em que o ego está sensível, e caso esteja perante a existência de um nível de exigência muito alto ou na existência de algum tipo de falhas, poderá resultar no desenvolvimento níveis de inferioridade consideráveis na criança.
- Identidade versus Confusão de Identidade; é o quinto estágio, estágio que é vivido pelo adolescente, como uma busca pela identidade, contruída pelo seu ego nos estágios anteriores. Sentimento de identidade que se expressa através de questões relacionadas com o próprio, sobre as semelhança do próprio para com os progenitores ou sobre o que irá querer ser no seu futuro, questões que se prendem com a necessidade de o adolescente perceber sobre a sua função ou a sua colocação na sociedade. A confusão de identidade está relacionada com a preocupação do adolescente encontrar o seu papel na sociedade e com a opinião do outro em relação a si, que o faz remodelar a sua forma de ser, bem como remodelar a sua personalidade muitas vezes num curto espaço de tempo, ao mesmo tempo que vão surgindo as mudanças físicas características desta fase.
- Intimidade versus Isolamento; é o sexto estágio, onde o individuo que tem uma identidade definida está pronto para se unir à identidade de outro. Este estágio é caracterizado por esse momento da união, o que sugere a associação de um ego ao outro. Para uma associação positiva, é necessário que o individuo tenha desenvolvido um ego forte e autônomo, para poder aceitar o convívio com outro ego numa perspectiva mais íntima. Quando o indivíduo, pelo contrário, não desenvolveu um ego seguro, tenderá a preferir o isolamento de forma a preservar esse ego.
- Generatividade versus Estagnação; é o sétimo estágio e consiste na fase em que o indivíduo se preocupa com as questões ligadas ao que gerou. Preocupa-se com a passagem de valores e conhecimento às gerações, de pai para filho, que resulta na valorização da sua personalidade. Em caso contrário, o sujeito acredita que tudo o que gerou não foi produtivo, uma vez que não poderá dar seguimento aos seus projetos.

- Integridade versus Desprezo; é o oitavo estágio, nesta fase o indivíduo faz uma reflexão sobre a sua vida, sobre o que fez e o que não fez podendo ser este exercício retrospectivo vivido de diferentes formas. Como resultado, o indivíduo pode entrar num período de desprezo, por acreditar que a sua vida está a chegar ao fim e pelo facto de ver o seu tempo limitado para a concretização das suas realizações e desejos, ou por outro lado, poderá sentir uma sensação de dever cumprido e de integridade, sabendo que passou para o outro, todo o conhecimento adquirido ao longo da vida.

Estes estágios que se vão desenvolvendo ao longo do tempo, entre a infância e a velhice, Erick Erikson de acordo com Miranda (2012), dá maior ênfase à adolescência, pois é o período que demarca a transição entre a infância e a idade adulta e que representa um momento de extrema importância na formação da personalidade do indivíduo.

Por outro lado, Sigmund Freud descreve o desenvolvimento humano através de uma perspectiva psicosssexual, como será possível observar no capítulo seguinte referente à sexualidade na adolescência.

Ainda de acordo com Sprinthall e Collins (1994), foi durante o século XX, que também se observaram nas nações e culturas industrializadas, uma maior atenção por parte dos adultos em relação às necessidades e capacidades fisiológicas e psicológicas características dos adolescentes, a percepção dos adultos em relação à adolescência permitiu o reconhecimento da mesma como um estágio de desenvolvimento humano. Como consequência, verificou-se um aumento na compreensão da sociedade adulta em relação às características fundamentais dos adolescentes. Na última metade do século XX, começaram-se a verificar algumas transformações no modo como os adolescentes eram tratados pela sociedade adulta, destacando a título de exemplo, a referência feita pelos autores, ao alargamento da educação pública obrigatória aos anos da adolescência e a oficialização de outras definições legais de vida adulta, que contribuíram para definir a distinção entre a adolescência e a idade adulta.

Muuss (1976), (cit. in. Martins, 2003), destaca a adolescência como um período de transição, em que o indivíduo vive numa situação marginal, na qual devem ser feitos novos ajustamentos entre os comportamentos de criança e os comportamentos de adulto

e refere que cronologicamente, esse período se situa entre os 12, 13 anos e os 20, 21, 22 anos de idade, com grandes variações individuais e culturais.

A adolescência, palavra que deriva do latim “adolescere” e cujo significado é “crescer até à maturidade” (Martins et all., 2003), é para Eisenstein (2005), o período de desenvolvimento humano, onde se verifica a transição entre a infância e a vida adulta, caracterizada pelos impulsos de desenvolvimento físico, mental, emocional, sexual e social, bem como, pelos esforços do indivíduo em alcançar os objetivos relacionados às expectativas culturais da sociedade onde vive. A autora refere ainda, que numa primeira fase da adolescência, são visíveis mudanças corporais como consequência da puberdade e termina quando o indivíduo consolida o seu crescimento e a sua personalidade, obtendo progressivamente independência económica e uma integração no seu grupo social.

Para a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1986), o início da adolescência está normalmente associado ao começo da puberdade e ao aparecimento das características sexuais secundárias. Já o fim da adolescência é mais difícil de definir, pois varia de cultura para cultura e por vertentes relacionadas com a conquista da independência adulta. A OMS caracteriza o período de transição da infância para idade adulta da seguinte forma:

- Desenvolvimento biológico desde o início da puberdade até atingir a total maturidade sexual e reprodutiva;
- Desenvolvimento psicológico dos padrões cognitivos e emocionais da infância para os da idade adulta;
- Alteração de um estado de dependência socioeconómica, para um de relativa independência.

Cronologicamente, a OMS, situa o período da adolescência entre os 10 e os 19 anos de idade, a mesma fonte refere ainda, que a Organização das Nações Unidas (ONU) situa o período da adolescência entre os 15 e os 24 anos de idade.

Para Ferreira e Nelas (2006), no mundo ocidental, a adolescência corresponde ao período entre os 12 e os 20 anos, podendo, contudo, o período etário oscilar em função de diferenças como o sexo, etnias, meios geográficos, condições socioeconómicas ou culturais. A adolescência inicia-se com os primeiros indícios físicos da maturidade

sexual e termina com a realização social e socioeconómica independente, no entanto, no mesmo meio, podem-se verificar diferenças de indivíduo para indivíduo, existindo puberdades precoces e outras tardias e por outro lado o mesmo indivíduo, pode em momentos diferentes, ter diferentes ritmos de maturação. As autoras consideram que a adolescência é o período em que os jovens, após momentos de maturação diversificados, constroem uma identidade, pontos de referência, traçam objetivos profissionais e projetos de vida.

Martins (2005) refere que com o avançar dos anos, se torna mais difícil determinar o fim da adolescência em termos sociais, pelo facto de se prolongar no tempo (até aos 30/35 anos) o momento da sua independência, em consequência dos fatores socioeconómicos, socioprofissionais, habitacionais entre outras variáveis que funcionam como obstáculo à autonomia esperada.

Martins (2005), refere ainda, que tal como o fim da adolescência ser ao passar dos anos cada vez mais tardio, também o início desta é mais precoce, denominando-se esse fenómeno de tendência secular, que tem na sua essência, a ver com precocidade tendencial da experimentação sexual, a possibilidade do fácil acesso às redes sociais, bem como, pela a cedência ao jovem, por parte dos progenitores, cada vês mais autonomia, tendo como exemplo, na vida noturna entre muitas outras. Este fenómeno é mais evidente, sobretudo, nas grandes metrópoles.

## **1.2 Sexualidade na adolescência**

Tendo em conta que a adolescência é um período de desenvolvimento caracterizada por uma diversidade de aquisições, nomeadamente, ao nível do comportamento, dos processos de autodefinição e de construção da ação no mundo e na relação com os outros, é também neste período que se verifica a procura das primeiras relações de intimidade, exploração e curiosidade sexual (Barroso et al., 2016; Beker & Hikes, 2003 cit. in Barroso et al., 2019). É por tanto, nesta fase, que normalmente se verificam as primeiras experiências sexuais e amorosas, que muitas vezes resultam na experimentação sexual. Experimentação, que envolve uma série de comportamentos, muitas vezes não programados, acompanhados por graus de expectativa elevados e pela sensação de desafio, comuns a todas as coisas ainda não vivenciadas, mas desejadas (Frade et al. cit. in Rodrigues, 2009).

Sigmund Freud (1856,1939), descreve o desenvolvimento humano como uma série de estádios psicosexuais que se verificam ao longo da vida do indivíduo, começando na infância até à vida adulta. Assim, Freud descreve os estádios do desenvolvimento psicosexual da seguinte forma:

- Estádio oral; durante a primeira infância a criança satisfaz a maior parte das suas necessidades através da alimentação e da sucção.
- Estádio anal; quando a criança aprende a andar, o centro de interesse reside nas experiências de controlo dos esfíncteres e na aprendizagem do controlo de impulsos inaceitáveis.
- Estádio fálico; inicia-se entre os 3 e os 6 anos de idade e é quando os indivíduos aprendem a lidar com os seus sentimentos de natureza sexual e a fortalecer a sua identificação com papéis sexuais masculinos ou femininos.

Para Freud, o fundamento para a maturação sexual está pronto a partir dos 6 anos de idade.

- Estádio de latência; entre os 6 anos de idade e a puberdade, constitui uma época importante para aprender a cultura, os papéis e as relações sociais.

Segundo Freud, comparativamente à adolescência se caracteriza como um período necessariamente difícil e turbulento, o período de latência é visto como uma ilha no meio de uma furiosa tempestade.

- Estádio genital; este estágio verificasse após a entrada na puberdade, e caracteriza-se pelo ressurgir da sexualidade que esteve como inexpressiva durante o período de latência; retomam-se algumas características (como o complexo de Édipo) do estágio fálico; verificam-se novas pulsões sexuais genitais; as relações sociais do adolescente alargam-se a pessoas fora do contexto familiar.

Costa et all. (2001) também refere que o comportamento sexual tem início na infância e desenvolve-se por etapas relacionadas com a idade. Assim, os autores caracterizam as etapas da seguinte forma:

- Fase oral, dos 0 aos 18 meses de idade; o psiquismo e a vida afetiva estão ligados aos processos instintivos; o bebé suga para se alimentar e satisfazer uma

necessidade erótica, pois é na zona oral, perioral e em toda a extensão da pele que até aos 18 meses de idade se concentra a libido; o contacto pele com pele, bem como a sucção do seio materno, apresentam-se como gratificantes para o bebé e reforça o vínculo afetivo com a progenitora ou com quem o alimenta; nesta etapa verifica-se também, o início da aceitação do sexo biológico.

- Fase anal, dos 18 meses aos 3 anos de idade; a partir dos 18 meses a libido centra-se no polo inferior do intestino, região anal e perianal; etapa onde se verifica a aquisição gradual do controlo da eliminação fecal que proporciona prazer; ocorrem as primeiras perguntas sobre a diferença de sexos; por volta dos 2 anos, inicia-se a determinação sexual e do papel de género.
- Fase genital, dos 3 aos 5 anos de idade; nesta fase a criança continua a desenvolver a aceitação do seu eu; a libido centra-se nas zonas genitais; fase de grande aprendizagem e identificação com as figuras parentais; realização da exploração do meio envolvente; frequente manipulação genital; é comum a manifestação de comportamentos exibicionistas; é comum a manifestação da preferência sobre o progenitor de sexo oposto e comportamentos de hostilização com o progenitor do mesmo sexo; maior amplitude nas suas indagações; brincam e satisfazem a sua curiosidade com outras crianças.
- Fase de latência, dos 6 anos até à puberdade; coincide com o período escolar; caracteriza-se pela independência do eu; pensamento do tipo lógico-concreto; acredita-se na possibilidade da existência de erotização, intelectual e muscular, visto se verificar a existência de prazer na aprendizagem formal e na atividade física e desportiva; é nítida a ocorrência da diferenciação dos sexos; ampliam-se os processos de socialização; é visível a seleção e divisão de género, com a formação e associação de grupos do mesmo sexo, dando lugar há existência de uma verdadeira discriminação entre estes (meninos versus meninas), estes aproximam-se novamente aquando a entrada na puberdade e com a modificação dos hábitos sociais; poderá existir em alguns momentos atividades de masturbação; a identificação já está determinada e reforça-se com o grupo de amigos do mesmo sexo, com normas e características próprias, diferentes entre os géneros, dando a oportunidade há existência dos jogos homossexuais; nesta fase é visível uma maior curiosidade nas questões relacionadas com a gravidez, o nascimento, o papel paternal e a reprodução.

- Etapa precoce da adolescência, dos 10 aos 14 anos, inicia-se a maturação puberal; o adolescente demonstra um extremo interesse pelo próprio corpo e pelo corpo dos seus iguais; fantasias sexuais frequentes; inicia-se a masturbação; relações sem contacto físico e normalmente platónicas.
- Etapa média, dos 14 aos 16 anos, desenvolvimento puberal completo ou quase completo; alto nível de energia sexual, com maior ênfase no contacto físico; comportamento sexual de natureza exploratória e egoísta, buscando tirar proveito das relações; encontros, carícias e relações casuais acompanhadas de relações genitais ou extra-genitais. O grande risco nesta fase, é a negação das consequências do comportamento sexual.
- Etapa tardia, dos 17 aos 20 anos, nesta etapa a maturação física está completa; comportamento sexual mais expressivo e menos exploratório; relações mais íntimas e compartilhadas; predomina a escolha de par duradouro com relação de afeto. Nesta fase, existe maior consciência dos riscos e necessidade de proteção.

Nodin (2001), (cit. in Rodrigues, 2009) afirma que à medida que o adolescente vai desenvolvendo maturidade física e psicológica, vai crescendo o desejo e a vontade de explorar o corpo, bem como, surge no adolescente a necessidade da partilha de afetos, emoções e sentimentos, que até então não eram possíveis.

Para Braconnier e Marcelli (cit. in Rodrigues, 2009) “é na adolescência que as práticas sexuais se verificam como o polo mais visível do ser sexual que caracteriza o ser humano”.

### **1.3 Adolescência e desvio sexual**

De acordo com Barroso et all. (2016); Stephenson et all. (2014), (cit. in Barroso et all., 2019), é a partir da década de oitenta do século XX, que os comportamentos sexuais abusivos, cometidos por adolescentes, começam a ser entendidos como problemáticos pelos investigadores, profissionais e pelo poder legislativo, motivados pela necessidade de reverter os danos causados às vítimas e pela necessidade da imputação da responsabilidade dos crimes aos seus autores. Até então, os comportamentos de abuso sexual, só eram vistos como problemáticos quando cometidos por adultos, pois tais atos perpetrados por adolescentes, tendiam a ser minimizados e justificados pela imprudência própria da idade.

Barroso et all. (2016); Beker e Hikes (2003), (cit. in Barroso et all., 2019) referem que, devido à particularidade das características desenvolvimentais da adolescência, por vezes, torna-se difícil definir o que é a atividade sexual normativa nesta faixa etária. Contudo os autores referem que o principal fator diferenciador do que é ou não um comportamento sexual abusivo, é exatamente o mesmo que no caso dos adultos, ou seja, a prática de um ato sexual com outra pessoa (independentemente da idade), sem o seu consentimento ou contra a sua vontade, fazendo-se utilizar de agressividade, manipulação ou ameaça para com as vítimas.

As investigações, segundo Abel et all. (1985), indicavam que os comportamentos sexuais desviantes dos adultos abusadores sexuais, teriam início na sua adolescência. Shaw (1999), (cit. in Barroso et all., 2019) refere que as estatísticas apontavam para os 17 anos, como a idade, onde tendencialmente, se cometiam mais crimes sexuais. Contudo e de acordo com Caldwell (2007), (cit. in Barroso et all., 2019) só uma pequena minoria dos adolescentes, tende a manter o comportamento sexual abusivo na vida adulta. Calleja (2015), refere ainda, sobre a existência de estudos que apontam, que a reincidência dos comportamentos sexuais abusivos por parte de menores de idade é extremamente reduzida, comparativamente à reincidência do mesmo tipo de comportamentos, perpetrados por adultos.

De acordo com Barroso et all. (2019), os crimes de abuso sexual, estão associados a grupos de delinquentes diversificados, seja em termos de características pessoais, no tipo de vítimas envolvidas ou mesmo na tipologia dos comportamentos sexualmente agressivos. Assim, e de acordo com Silva et all. (2015), alguns investigadores, descreveram a tipologia dos jovens agressores sexuais, em função da idade da vítima (agressores sexuais de crianças vs. agressores sexuais de pares/adultos), da história criminal (agressores sexuais com ou sem história de crimes sexuais antecedentes) ou em função do número de agressores sexuais envolvidos (agressor sexual individual vs. agressores sexuais em grupo).

De acordo com Robertiello e Terry (2007), é o tipo de vítima (crianças vs. pares/adultos), o fator diferenciador mais comum neste tipo de agressores, assim sendo, o autor refere que os adolescentes agressores de pares/adultos, embora não de forma homogénea, tendencialmente vêm o sexo oposto de forma negativa, apresentam problemas com o consumo de substâncias, têm dificuldades no controlo de sentimentos

de raiva e instabilidade no humor. Fanniff e Kolko (2012), através de investigação, verificaram que os agressores de pares/adultos, comparativamente com os agressores de crianças, cometem mais abusos fora do contexto familiar, os seus comportamentos abusivos são acompanhados de maior violência e as suas vítimas são preferencialmente do sexo feminino.

Em relação aos adolescentes agressores de crianças, Hunter et all. (2003), constataram que, o resultado de alguns estudos, indicavam que estes tipos de agressores apresentavam maior défice no funcionamento psicossocial, normalmente caracterizados pela falta de confiança nos outros, bem como, maiores índices de depressão e/ou ansiedade. Os autores referem ainda, que comparativamente aos agressores de pares /adultos, os agressores de crianças tendem a cometer, menos comportamentos agressivos e a ter uma maior propensão aos comportamentos de abuso em contexto intrafamiliar. Num estudo que procurou perceber as circunstâncias do abuso intrafamiliar, Letzman et all. (2011), observaram, que os indivíduos que cometeram comportamentos de abuso sexual sobre os próprios irmãos, apresentavam uma grande probabilidade de eles próprios terem sido vítimas de abusos sexuais no passado, de terem sido expostos a pornografia precocemente ou de estarem inseridos num ambiente familiar com muitos comportamentos sexualizados.

Segundo Itzin, (2008), (cit. in Pincolini e Hutz, 2014) devido às características particulares à adolescência e da entrada da fase puberal, onde se verifica um aumento das fantasias sexuais, é importante distinguir os comportamentos de abuso sexual, das comuns e normais atividades sexuais exploratórias e consensuais. Assim, o autor refere que quanto mais acentuada a diferença de idades entre indivíduos, maior será a possibilidade de estarmos perante uma situação de abuso sexual, considerando além da diferença de idades, outros fatores, como o recurso á violência física, ameaças de forma a inibir a denuncia, bem como, o sentimento de culpa e constrangimento em relação ao ato perpetrado. Para Pincolini e Hutz, (2014) estas situações podem ser observadas, em casos que envolvam crianças ou adolescentes que ocupem posições de liderança num grupo, ou detenham uma reputação diferenciada que possa por consequência influenciar com recurso à intimidação, os indivíduos mais novos. Os autores referem ainda, que a violência sexual no contexto intrafamiliar, poderá estar associada ao papel de dominância dos irmãos mais velhos, dotados de autoridade com a tarefa de cuidar dos mais novos.

Print e Morrison, (2002), (cit. in Pincolini e Hutz, 2014) referem como fatores de risco associados à perpetuação dos comportamentos sexuais abusivos, os problemas de socialização, poucas amizades íntimas, baixa habilidade social e relacional, dificuldades escolares, distúrbios de conduta, baixa autoestima e distúrbios afetivos. Desta forma, os autores sugerem como hipótese, que a utilização da atividade sexual possa servir como forma de compensação aos problemas emocionais e relacionais.

#### **1.4 Teorias explicativas dos comportamentos sexuais abusivos na adolescência**

São várias as teorias multifatoriais que têm sido propostas para explicar os fenómenos de comportamentos sexuais agressivos, que de acordo com Seto e Lalumière, (2010) na sua maioria, e embora, fundamentalmente desenvolvidas para explicar estes comportamentos perpetrados por adultos, muitas, têm servido como estrutura base nos estudos para compreender estes comportamentos, perpetrados por menores de idade.

Assim, e de acordo com os autores, as teorias que mais se destacam são as de Marshall e Barbaree (1990), (cit. in Seto e Lalumière, 2010) que sugerem, que as experiências adversas vividas durante a infância, nomeadamente a negligência e o abuso infantil, podem comprometer o normal desenvolvimento do controlo inibitório e das competências de autorregulação, bem como, desencadear anormais tendências agressivas e desajustados desejos sexuais no indivíduo. Tais experiências negativas, precocemente vividas, podem também, desencadear problemas interpessoais, ao nível do normal desenvolvimento de relacionamentos saudáveis e das normais competências sociais. Por consequência, o insucesso no relacionamento com os pares, fazem aumentar a possibilidade de comportamentos de coação sexual com pares ou de comportamentos sexuais com crianças. A adolescência, em especial, na fase da puberdade, é vista pelos autores como um período crítico, pelo facto de se verificar no indivíduo um aumento do desejo e da experimentação sexual, que podem resultar em comportamentos sexuais inadequados, e socialmente reprováveis, como a excitação no contacto com crianças ou através do sexo coercivo, bem como o orgasmo vivido durante um estado de negatividade, culminando em ofensas sexuais, e mais tarde na masturbação fantasiando essas ofensas.

Posteriormente, o modelo quadripartido de Hall e Hirschman (1991,1992), (cit. in Seto e Lalumière, 2010) refere, que a explicação ao comportamento sexual agressivo, se

baseia em quatro grandes fatores, nomeadamente, os distúrbios da personalidade, a desregulação afetiva, as cognições mal-adaptadas e a excitação sexual por crianças ou pela coerção. Fatores que apesar de poderem influenciar o individuo de forma isolada ou em simultâneo, normalmente, apenas um desses fatores é o responsável por uma determinada conduta agressiva num determinado individuo, permitindo assim, diferenciar os vários tipos de agressores sexuais. A título de exemplo, os autores sugerem, que se o principal fator de motivação no ofensor, for a desregulação afetiva, então este tende a cometer comportamentos agressivos e de oportunidade, de elevado nível de agressividade, de caráter sexual e não sexual. A vantagem desta teoria, é que a mesma reconhece a possibilidade da distinção dos tipos de comportamentos sexuais agressivos, bem como, dos tipos de agressores sexuais, motivados em função de determinado fator. Em contrapartida, as limitações deste modelo teórico prendem-se com o facto de não existir uma fundamentação, ao porquê de um fator ser mais preponderante num individuo do que noutra, bem como, porque não apresenta uma explicação de como esses fatores interagem com o individuo de forma a aumentar a probabilidade de comportamentos sexuais ofensivos.

Por último, a teoria integrativa de Ward e Beech (2005), (cit. in Seto e Lalumière, 2010) que propõe como explicação ao comportamento sexual ofensivo, um modelo de integração de macro fatores como a evolução da pressão seletiva e fatores socioculturais, com fatores individuais como a predisposição genética, as experiências precoces de abuso físico ou sexual, a empatia, as distorções cognitivas, problemas emocionais, competências interpessoais e interesses sexuais. Os autores referem ainda, que os problemas clínicos relacionados com dificuldades sociais, problemas emocionais, crenças e atitudes ofensivas bem como os problemas sexuais, advêm da interação entre défices neuro-psicológicos e fatores ambientais, em particulares contextos socioculturais. A exemplo, os autores sugerem que os problemas emocionais, inclusive problemas de humor, são o resultado de défices de motivação. A desregulação emocional e a impulsividade provêm de deficiências ao nível das funções executivas. Estes problemas emocionais, estão associados às ofensas sexuais, quando os indivíduos utilizam o sexo como forma de lidar com estados emocionais negativos, como por exemplo o recurso à masturbação com fantasias, comportamentos, que podem ser impulsionados por eventos de elevado stresse como relacionamentos conflituosos. As dificuldades sociais são vistas como o resultado de problemas de vinculação, enquanto

os problemas sexuais, inclusive, o interesse parafilico, o desejo sexual excessivo ou as preocupações sexuais são vistos como o produto desses problemas. A crítica a esta teoria, foca-se no facto dos autores não fundamentarem a mesma, sobre a origem das crenças e atitudes ofensivas, sugerindo apenas, que estas cognições se formam na infância, bem como, pelo facto da teoria não definir nem especificar sobre os fatores propostos para a explicação dos comportamentos de ofensa sexual. Em contrapartida, a importância desta teoria tem a ver com o facto de a mesma procurar convergir várias teorias e perspetivas, sobre as ofensas sexuais e respetivos conceitos, como a biologia, psicologia e neurociência.

Outra teoria que poderá contribuir para a compreensão do fenómeno, é a Teoria da Aprendizagem Social de Bandura, que de acordo com Bandura e Walters (1963) os indivíduos aprendem determinados comportamentos essencialmente através da imitação de comportamentos perpetrados por outros indivíduos. Mais especificamente, através dos processos cognitivos que enquanto mediadores, permitem ao individuo observar, imaginar, pensar e colocar-se no lugar de outros que colocam em prática determinadas condutas e que por consequência dessas mesmas condutas, obtêm certos resultados e/ou alcançam determinados objetivos. De acordo com os autores, a exposição e a observação destes modelos, poderá resultar:

- Na aquisição de novas respostas que não existiam anteriormente no repertório do observador.
- Na possibilidade de fortalecer ou debilitar as respostas inibitórias, que de acordo com os estudos, as respostas provocadas já existem no repertório do observador e não têm necessariamente de ser iguais às perpetradas pelo modelo.
- Na possibilidade de por vezes, a observação de um modelo poder despoletar no observador respostas de emulação aprendidas anteriormente, uma vez que a percepção dos atos de um determinado tipo serve como “disparador” de respostas da mesma classe originando um efeito de provocação.

Em contrapartida, e de acordo com os autores, a Teoria da Aprendizagem Social parte do principio que o comportamento dos indivíduos esta relacionado com os processos interativos entre os determinantes pessoais e situacionais, uma vez que que a aprendizagem só poderá ser entendida através da das consequências das respostas, com

efeitos positivos ou negativos e a partir dos modelos que implicam uma aprendizagem vicariante.

Assim, é possível ou não, que o processo da aprendizagem se possa perpetuar no tempo. As repetições de determinadas condutas iram depender das consequências resultantes dessas mesmas condutas para o modelo, ou por outro lado para o observador. Os autores referem a existência de três momentos:

- A aquisição de determinada conduta.
- A reprodução ou instigação da conduta.
- A manutenção da conduta (conduta que se repete ao longo do tempo).

Bandura e Walters (1963) referem ainda quatro mecanismos básicos que tornam possível a manutenção das condutas:

- O reforço direto externo, que advirá da experimentação das consequências diretas positivas resultantes da conduta perpetrada.
- O reforço vicariante, que será o resultado da observação de comportamentos perpetrados por outras pessoas e cuja consequência desses comportamentos possa ser gratificante.
- O autorreforço, que consistirá numa competência que permitirá uma estimulação positiva interna ao indivíduo.
- A neutralização do auto-castigo, que consistirá na desculpabilização de determinadas condutas passíveis de proporcionarem ao indivíduo ansiedade condicionada pelos comportamentos perpetrados.

O modelo de Bandura et all. (1996), defende que o sistema de autocontrolo comportamental que se desenvolve durante o processo de socialização, assenta numa estrutura em volta de três mecanismos que se tornam funcionais aquando o indivíduo decide cometer ou não cometer uma conduta inadequada:

- O significado do comportamento em relação com os próprios valores sociomoraes (evitar a dissonância).
- A antecipação das consequências negativas da conduta inadequada (sentimentos de culpa e vergonha).

- A antecipação das consequências negativas que a conduta poderia ter para os outros (empatia).

## **II. Estudo Empírico**

### **1.1 Justificação**

A opção pelo tema, “Abuso Sexual entre adolescentes: Um estudo de caso”, que serve como título do presente projeto de graduação, surge no decurso da unidade curricular “Estágio”, que se realizou na Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Gondomar, onde tive a oportunidade de acompanhar um processo que configurava a tipologia de “abuso sexual” entre adolescentes. A particularidade dos contornos envolvidos, bem como, a necessidade de perceber mais sobre o fenómeno e sobre os vários fatores que possam ter influenciado tais comportamentos, motivaram a nossa escolha.

Assim, espera-se que o contributo que este projeto de graduação possa dar, seja o de identificar possíveis explicações à motivação dos comportamentos anti normativos perpetrados pelo jovem agressor.

### **1.2 Objetivos do estudo**

Definir os objetivos do estudo, é perceber o que motiva a realização do mesmo, bem como, o seu propósito. Para o efeito, devemos deixar explícito os objetivos específicos, através da especificação dos passos que são necessários para alcançar os objetivos gerais, que por sua vez, consistem na delineação do propósito central do projeto de investigação (Ander-Egg & Idáñez, 2005).

#### **1.2 Objetivo geral**

O objetivo geral deste projeto de graduação, consiste em identificar, as possíveis motivações que possam resultar em comportamentos de abuso sexual na adolescência.

#### **1.4 Objetivo específico**

Os objetivos específicos deste projeto de graduação, consiste em:

- Analisar a temática referente ao abuso sexual na adolescência;

- Analisar os dados presentes no processo de promoção e proteção imputado ao jovem agressor de forma a recolher informação pertinente ao estudo, sobre os factos de abuso sexual cometidos;
- Analisar os dados recolhidos junto do Centro de Saúde que se possam mostrar relevantes para o estudo;
- Analisar e recolher dados que se mostrem relevantes ao estudo, junto da instituição de ensino;
- Analisar e recolher dados em entrevista, que se possam revelar importantes para o estudo.
- Comparar os dados recolhidos nas análises efetuadas, com a sustentação teórica resultante da revisão da literatura, com o intuito de observar e identificar fatores comuns, bem como, identificar possíveis novos fatores, que possam contribuir como motivação para a perpetuação dos comportamentos, que configuram a tipologia de abuso sexual na adolescência.

### **1.5 Métodos**

Para Lakatos e Marconi (2003) o conceito de método, é o conjunto de atividades sistemáticas e racionais, que com maior segurança e economia, permitem alcançar o objetivo, que consiste no conhecimento válido e verdadeiro, traçando o caminho a ser seguido, detetando erros e auxiliando as decisões do investigador.

Assim, de acordo com a natureza exploratória e descritiva deste estudo de caso e de acordo com o tipo de dados recolhidos, a metodologia adotada para a elaboração deste, é de cariz qualitativo.

Dalfovo et all. (2008), refere que um estudo de caso, serve o propósito de trabalhar a especificidade de um fenómeno e as decorrências do mesmo.

Assim, proceder-se-á à consulta e apreciação dos dados recolhidos junto do processo de promoção e proteção relativo ao jovem agressor, que se encontra sobre a alçada da Comissão de Proteção de Crianças e Jovens e através da solicitação e apreciação dos dados de saúde junto do Centro de Saúde e do respetivo médico de família do jovem agressor, bem como, a solicitação e apreciação dos dados solicitados à Instituição de Ensino onde o jovem agressor é educando.

Com recurso a um guião de entrevista, será efetuada uma entrevista semiestruturada a cada um dos participantes, de forma individual, contendo perguntas abertas e fechadas, que serão registadas com recurso à gravação áudio.

O guião de entrevista deve ser entendido como um roteiro ou guia orientador da condução da entrevista, devendo as perguntas serem orientadas durante o processo de interação entre o entrevistado e o entrevistador (Silvestre, Fialho & Saragoça, 2014). Assim, e de acordo com os autores, Silvestre, Fialho e Saragoça (2014) as etapas metodológicas são as seguintes:

- Proceder à conceção de um guião de entrevista, que deverá ser estruturado por blocos temáticos, tendo em conta os objetivos gerais da investigação.
- Adotar como estratégia de antecipação de uma eventual dificuldade de compreensão da linguagem utilizada pelo entrevistador, por parte dos inquiridos, deveram ser incluídas no guião, pelo investigador, um conjunto de perguntas subsidiárias, atendendo ao facto de que a entrevista é uma técnica investigativa de caráter dialogístico ao nível da interação verbal em copresença.
- Proceder à avaliação do guião de entrevista. Para o efeito, o guião de entrevista deverá ser acompanhado de uma breve contextualização da investigação, onde constem a questão de partida e os objetivos da investigação, para que seja possível a validação do instrumento de recolha de dados por parte dos investigadores externos.
- Após a validação, deverá proceder-se à inclusão das propostas de melhoria ao instrumento de recolha de dados, concluindo desta forma o processo de validação prévio do guião de entrevista.
- Segue-se a etapa metodológica de teste ao guião de entrevista ou entrevista-modelo, que devesse ser aplicada a um ator não incluído no estudo. Os procedimentos a realizar devem ser condizentes com os observados posteriormente, aquando da realização das entrevistas que servirão de base ao estudo, nomeadamente, a transcrição da entrevista realizada e o envio para submissão de concordância por parte do inquirido. Esta etapa mostra-se pertinente, pelo facto do guião de entrevista poder sofrer pequenas reformulações, caso se verifiquem problemas como a sua extensão, a redundância no questionamento, desajustamento das questões relativamente ao

objetivo proposto, interrupções que ocorram durante a gravação da entrevista, desvio dos tópicos ou das questões abordadas, entre demais aspetos que possam ser detetados.

- Para uma mais fiel e fidedigna recolha de dados, a entrevista deverá ser áudio-gravada, processo que terá um papel importante na questão da concentração do entrevistador no discurso do seu interlocutor, impedindo a dispersão do mesmo na tomada de notas.
- A fase seguinte é a transcrição da entrevista, que visa proceder à recreação do discurso oral das gravações áudio transitando as mesmas para a escrita.
- À posteriori, proceder-se-á à validação do conteúdo da entrevista, cujo objetivo é não só garantir a validação dos discursos por parte dos entrevistados, mas também o assegurar da dialogicidade processual que a técnica de entrevista pressupõe e impõe.
- A última etapa será a análise de conteúdo da recolha de dados efetuada na entrevista, que se considera, não dever ser uma leitura interpretativa neutra.

A análise de conteúdo, é para Bardin (1997), um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que visam obter, através de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição de conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou qualitativos) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção ou receção destas mensagens.

Assim, iremos proceder à análise de conteúdo resultante da recolha dos dados procedentes da consulta ao processo de promoção e proteção, dos dados recolhidos (análise documental) junto do Centro de Saúde e da Instituição de Ensino, assim como, das entrevistas efetuadas.

## **1.6 Instrumentos**

Os instrumentos aplicados e utilizados para a recolha de dados serão:

- Uma entrevista semiestruturada para os progenitores do jovem agressor.
- Uma entrevista semiestruturada para o jovem agressor.

De acordo com Silvestre, Fialho e Saragoça (2014) a entrevista é uma ferramenta importante, no âmbito das ciências sociais e humanas, permitindo alcançar um

conhecimento profundo do objeto de estudo, pois permite que o investigador passe da palavra do entrevistado à (re)construção de sentidos. Os autores referem ainda, que o papel do entrevistador é de extrema importância, pois é a partir da sua sensibilidade que é possível produzir conhecimento, através de diversos indícios, nomeadamente, linguísticos e paralinguísticos como a entoação, pausas, postura corporal, expressões faciais, velocidade discursiva, entre outros.

### **1.7 Participantes**

Os participantes neste estudo serão, o jovem agressor e os seus progenitores.

### **1.8 Procedimentos**

Os procedimentos a executar neste estudo, numa primeira instância, consiste em efetuar uma sessão informativa, via web, junto dos participantes, onde serão explanados os objetivos a que se propõe o estudo, bem como, os procedimentos metodológicos inerentes ao mesmo.

Num segundo momento proceder-se-á à solicitação do consentimento informado junto dos participantes, bem como, à solicitação do consentimento à gravação áudio da entrevista.

Os participantes deverão de forma voluntária expressar o seu consentimento, através de assinatura no formulário de consentimento informado.

Será também, explanado e solicitado um consentimento específico e informado aos participantes, através de formulário de consentimento específico e informado, que servirá para a recolha de informações de saúde e educação junto do Centro de Saúde e respetivo/a médico/a de família do jovem agressor, bem como, junto da Instituição de Ensino e respetivo/a diretor/a de turma onde o mesmo é educando. Esta recolha de informação só será executada, caso o consentimento dos participantes merecer parecer positivo e for devidamente expresso com assinatura no formulário de consentimento.

Através da solicitação, sobre a forma de requerimento à consulta do processo de promoção e proteção, correspondente ao jovem agressor junto da CPCJ, para o efeito de recolha de dados relevantes ao estudo. Este procedimento só devesse ter lugar, caso a

entidade CPCJ na pessoa de um responsável, concorde com esta ação e o expresse devidamente, através de assinatura.

A entrevista será implementada, com base num guião de entrevista previamente elaborado, a partir do estado da arte, a cada um dos participantes em função da pertinência do que será questionado.

Para o efeito, as entrevistas serão agendadas de acordo a disponibilidade dos participantes e serão realizadas em lugar reservado, de forma a garantir a confidencialidade e o anonimato dos participantes, bem como, dos dados recolhidos.

Por fim, os dados recolhidos na apreciação do processo de promoção e proteção correspondente ao jovem agressor, os dados recolhidos junto da Instituição de Ensino que o jovem agressor frequenta e junto do Centro de Saúde onde é utente, bem como, os dados recolhidos através da entrevista aos participantes, serão relacionados com a teoria procedente da revisão da literatura, de forma a identificar possíveis motivações aos comportamentos desviantes perpetrados pelo jovem agressor.

Os passos anteriormente descritos deverão ser efetuados e adaptados, com recurso às plataformas informáticas necessárias, que no caso será utilizada a plataforma google doc., via internet, assegurando assim o distanciamento necessário à salvaguarda da saúde de todos os intervenientes deste estudo, fruto das circunstâncias em que todos nos encontramos devido ao surto pandémico do vírus Covid-19.

A confidencialidade e o anonimato dos participantes serão sempre salvaguardados, pois não serão disponibilizados quaisquer dados que permitam a possível identificação dos mesmos, garantindo assim, o sigilo profissional e declaração de compromisso de oficiosidade do entrevistador.

### **1.9 Resultados prováveis**

Com o presente estudo de caso, pretende-se que os possíveis fatores de motivação, que por consequência, possam ter despoletado os consecutivos comportamentos de abuso sexual perpetrados pelo jovem agressor, possam ser identificados.

Para o efeito, proceder-se-á à análise do processo de promoção e proteção atribuído ao jovem agressor e que se encontra sobre a alçada da CPCJ, aos relatórios de informação

de saúde e de educação disponibilizados pelos respetivos Centro de Saúde e Instituição de ensino onde o jovem agressor é utente e educando, bem como, aos resultados obtidos através de entrevista aos participantes, tendo em vista, relacioná-los com as teoria multifatoriais resultantes da revisão da literatura e que configuram a fundamentação teórica deste projeto.

### **1.10 Discussão dos resultados prováveis de acordo com a teoria**

Através da correlação entre as teorias multifatoriais e a teoria da aprendizagem social de Bandura, que contribuem como fundamentação teórica, à explicação do comportamento sexual abusivo e os resultados obtidos através da implementação empírica descrita neste projeto, é expectável, que seja possível identificar alguns fatores de motivação, que possam como resultado, ter contribuído à perpetuação dos comportamentos sexuais abusivos por parte do jovem agressor.

Assim, e de acordo com Marshall e Barbaree (1990), (cit. in Seto e Lalumière, 2010) é possível que sejam identificados como fatores de motivação ao comportamento sexual abusivo, experiências adversas vividas na infância, como negligência ou abuso sexual, bem como, eventuais dificuldades de relacionamento interpessoal.

De acordo com os autores Hall e Hirschman (1991, 1992), (cit. in Seto e Lalumière, 2010) é possível que sejam identificados como fatores de motivação ao comportamento sexual abusivo, distúrbios da personalidade, desregulação afetiva, cognições mal-adaptadas e a excitação por crianças ou pela coerção.

Já de acordo, com Ward e Beech (2006), (cit. in Seto e Lalumière, 2010) é possível que sejam identificados como fatores de motivação ao comportamento sexual abusivo, a predisposição genética, experiências de abuso sexual e físico, a empatia, as distorções cognitivas, problemas emocionais, capacidades interpessoais e os interesses sexuais.

Através, da teoria da aprendizagem social de Bandura, é possível os comportamentos abusivos possam ter como impulsionadores, fatores ligados à observação e imitação que podem ser ou não, perpetuados no tempo, através da aquisição de condutas, reprodução e manutenção das mesmas, determinadas pelas capacidades de autorregulação do indivíduo.

Contudo, é possível que sejam identificados, outros fatores de motivação ao comportamento sexual abusivo.

## **Conclusão**

Sendo a adolescência o período da vida do indivíduo, que marca a transição da infância para a vida adulta e que se caracteriza pelas alterações físicas, mentais, emocionais, sociais, bem como sexuais, fruto do normal desenvolvimento do mesmo, nesta fase, verifica-se também, um aumento do interesse sexual, e por consequência, a experimentação sexual, que em determinados casos, não correspondendo à normalidade, evidenciam contornos violentos, configurando comportamentos de abuso sexual.

Assim, o abuso sexual na adolescência tem atraído cada vez mais a atenção dos investigadores, mostrando-se complexo e um verdadeiro desafio na tentativa de explicar estes comportamentos desviantes, com o intuito de assim tentar minimizar o impacto negativo que estes comportamentos representam para a sociedade.

Tendo em conta a complexidade da problemática e o objetivo deste estudo de caso, a revisão da literatura efetuada permite-nos perceber, que são múltiplos os fatores associados ao que possa motivar ou despoletar os comportamentos de abuso sexual.

Dessa forma, a identificação dos fatores que possam estar vinculados com a motivação do comportamento sexual agressivo, poderá contribuir para não só compreender sobre o fenómeno, como à posteriori, poderá dar um contributo importante na identificação de potenciais agressores, bem como, poderá ter um papel fundamental no âmbito da prevenção.

Nesse sentido, mostrasse pertinente e essencial o contributo da criminologia e dos seus criminólogos, no contínuo desenvolvimento de novos estudos.

Como limitações neste estudo, podemos considerar o número da amostra demasiado curto para podermos considerar os resultados obtidos na recolha de dados como generalistas. Pois este foi desenvolvido e implementado tendo como objeto de estudo um caso de abuso sexual em particular.

## Bibliografia

Abdel, G. G., Mittelman, M. S., & Becker, J. V. (1985). *Sexual Offenders: Results of Assessment and Recommendations for Treatment*. In: M. H. Ben-Aron, S. J. Hucker, & C. D. Webster (Ed.). *Clinical Criminology: Corrent concepts*. Toronto: M & M Graphics.

Ander-Egg, E. & Idáñez, M. J. A. (2005). *Cómo Elaborar un Proyecto*. (18.<sup>a</sup> Ed.). Viamonte, Buenos Aires: Lumen/Hvmanitas.

Bandura, A., Barbanelli, C., Caprara, G., & Pastorelli, C. (1996). Meachnisms of moraldisengagement in the exercise of moral agency. *Journal of Personality and SocialPsychology*. 7, pp. 364-374.

Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.

Barroso, R., Figueiredo, P. e Ramião, E. (2019). *Características e especificidades de adolescentes que se envolveram em comportamentos sexuais abusivos*. In: Martins, S.M. e Simões, M. (Ed.). *Crime, Desvio e Risco na Adolescência*. (1.<sup>a</sup> Ed.) Lisboa, Edições Sílabo, pp. 77-89.

Calleja, N. G. (2015). Juvenile Sex and Non-Sex Offenders: A Comparison of Recidivism and Risk. *Journal of Addictions & Offender Counseling*. [Em Linha]. Disponível em <<http://doi:10.1002/j.2161-1874.2015.00031.x>>. [Consultado em 10/11/2019].

Costa, M. C. O., et alii. (2001). Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. [Em linha]. Disponível em <<http://www.jped.com.br/conteudo/01-77-s217/port.pdf>>. [Consultado em 18/02/2020].

Dalfovo, M. S., Lana, R. A. & Silveira, A. (2008). Métodos Quantitativos e Qualitativos: Um Resgate Teórico [Em linha]. Disponível em <[https://scholar.google.pt/scholar?q=M%C3%89TODOS+QUANTITATIVOS+E+QUALITATIVOS:+UM+RESGATE+TE%C3%93RICO+Michael+Samir+Dalfovo+1&hl=pt-PT&as\\_sdt=0&as\\_vis=1&oi=scholart](https://scholar.google.pt/scholar?q=M%C3%89TODOS+QUANTITATIVOS+E+QUALITATIVOS:+UM+RESGATE+TE%C3%93RICO+Michael+Samir+Dalfovo+1&hl=pt-PT&as_sdt=0&as_vis=1&oi=scholart)>. [Consultado em 07/07/2020].

Eisenstein, E. (2005). Adolescência: definições, conceitos e critérios. [Em linha]. Disponível em <[http://adolescenciaesaude.com/detalhe\\_artigo.asp?id=167](http://adolescenciaesaude.com/detalhe_artigo.asp?id=167)>. [Consultado em 09/10/2019].

Fannif, A. & Kolko, D. (2012). Victim Age-Based Subtypes of Juveniles Adjudicated for Sexual Offenses: Comparisons Across Domains in an Outpatient Sample. *Sexual Abuse: Journal of Research and Treatment*, 24, pp. 224-264.

Ferreira, M. N. e Nelas, P. (2006). Adolescências... Adolescentes... . [Em linha]. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10400.19/409>>. [Consultado em 05/10/2019].

Freud, S. (1856-1939). *Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905) / Sigmund Freud; tradução Paulo César de Souza*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Hall, S. (1904). *Adolescence*. Vol 2. Ny: Appleton. Bandura, A. & Walters, R., H. (1963). *Aprendizaje social y desarrollo de la personalidad*. Madrid: Alianza Editorial.

Hunter, J., Figueiredo, A., Malamuth, N., & Beecker, J. (2003). Juvenile Sex Offenders: Toward the Development of a typology. *Sexual Abuse: a Journal of Research and Treatment*, 15(1), pp. 27-45.

Letzman, N., Viljoen, J., Scalora, M., & Ulman, D. (2011). Sexual Offending in Adolescence: a Comparison of Sibling Offenders and Nonsibling Offenders Across Domains of Risk and Treatment Need. *Journal of Child Sexual Abuse*, 20, pp. 245-263.

Marconi, M. A. & Lakatos, E. M. (2003). *Fundamentos de Metodologia Científica*. (5.<sup>a</sup> Ed.) São Paulo: Editora Atlas.

Martins, J., S. (2005). *Violência e Maus Tratos em Contextos de Socialização*. Tese de doutoramento não publicada. Santiago de Compostela: Universidade de Compostela.

Martins, P. O., Trindade, Z. A. e Almeida, A. M. O. (2003). O ter e o ser: representações sociais da adolescência entre adolescentes de inserção urbana e rural. [Em linha]. Disponível em <<https://doi.org/10.1590/S0102-79722003000300014>>. [Consultado em 01/10/2019].

Mead, M. (1949). *Coming of Age in Samoa*. NY: Mentor Books.

Miranda, A. B. S. (2012). O Desenvolvimento Humano na Perspectiva de Erick Erikson [Em linha]. Disponível em <<https://psicologado.com.br/psicologia-geral/desenvolvimento-humano/o-desenvolvimento-humano-na-perspectiva-de-erick-erikson>>. [Consultado em 1/10/2020].

Pincolini, A. M. F. & Hutz, C. S. (2014). Abusadores Sexuais Adultos e Adolescentes no Sul do Brasil: Pesquisa em Denúncias e Sentenças Judiciais. [Em linha]. Disponível em <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=513751528004>>. [Consultado em 03/07/2020].

Robertiello, G. & Terry, K.J. (2007). Can We Profile Sex Offenders? A Review of Sex Offender Typologies. *Aggression and Violent Behavior*, 12, pp. 508-518.

Rodrigues, A. M. E. (2009). Os jovens e a sexualidade: uma visão construcionista. [Em linha]. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10284/1571>>. [Consultado em 09/10/2019].

Seto, M. C. & Lalumière, M. L. (2010). What is so special about male adolescent sexual offending? A review and test of explanations through meta-analysis. *Psychological Bulletin*. [Em linha]. Disponível em <<https://doi.org/10.1037/a0019700>>. [Consultado em 24/03/2020].

Silva, T., Woodhams, J., & Harkins, L. (2015). Multiple Perpetrator Rape: a Critical Review of Existing Explanatory Theories. *Aggression and Violent Behavior*, 25, pp. 150-158.

Silvestre, M. J., Fialho, I. & Saragoça J. (2014). Da palavra à construção de conhecimento científico: um olhar reflexivo e meta-avaliativo sobre o guião de entrevista. *Comunicação & Informação*. [Em linha]. Disponível em <<https://doi.org/10.5216/31793>>. [Consultado em 11/08/2020].

Sprinthall, N., A. & Collins, W., A. (1994). *Psicologia do Adolescente*. Lx: Gulbenkian.

WHO, World Health Organization. Young People's Health – a Challenge for Society. Report of a WHO Study Group on Young People and Health for All. Technical Report Series 731. Geneva: WHO, 1986. [Em linha]. Disponível em <<https://apps.who.int/iris/handle/10665/41720>>. [Consultado em 09/10/2019].

## **Anexos**

## GUIÃO DE ENTREVISTA

(A ser aplicado a cada um dos progenitores)

1. O que entende por abuso sexual?

2. Na sua perspetiva o abuso sexual representa um comportamento reprovável?

Sim. Porquê?

Não. Porquê?

(Estas questões permitem-nos perceber se o entrevistado tem noção da realidade da problemática e percebermos sobre qual a sua posição perante o problema a que se vê associado).

3. Alguma vez observou ou teve conhecimento de algum tipo de comportamento desta natureza?

Sim.

Não.

Apenas se respondeu sim à questão 3.

- Onde?
- Perpetrados por quem?
- Qual a circunstância?

4. Tem conhecimento se o jovem x, em algum momento possa ter estado exposto a algum tipo de comportamento sexual?

Sim.

Não.

Apenas se respondeu sim à questão 4.

- Em que circunstância?

5. Na sua opinião, acha que o jovem x tem comportamentos de socialização normais?

Sim. Porquê?

Não. Porquê?

6. Que tipo de relacionamento tem o jovem x com outras pessoas? Justifique a sua resposta.

(esta pergunta servirá para percebermos se o entrevistado percebeu a pergunta 5, e sobre a sua coerência nas respostas).

7. Em algum momento percebeu no jovem x algum tipo de problema de afetividade?

Sim.

Não.

Apenas se respondeu sim à questão 7.

- De que tipo?
- Com quem?

8. Em algum momento percebeu no jovem x algum tipo de problema na sua personalidade?

Sim.

Não.

Apenas se respondeu sim à questão 8.

- Qual?

9. Tem conhecimento de algum tipo de problema cognitivo no jovem x?

Sim.

Não.

Apenas se respondeu sim à questão 9.

- Qual?

## GUIÃO DE ENTREVISTA

(A ser aplicado ao jovem x)

1. O que é para ti um comportamento sexual?

1. O que é para ti, um comportamento sexual abusivo?

2. Na tua perspetiva, o abuso sexual representa um comportamento reprovável?

Sim. Porquê?

Não. Porquê?

(Estas questões permitem-nos perceber se o entrevistado tem noção da realidade da problemática e percebermos sobre qual a sua posição perante o problema a que se vê associado).

3. Alguma vez observaste ou tiveste conhecimento de algum tipo de comportamento desta natureza (abuso sexual)?

Sim.

Não.

Apenas se respondeste sim à questão 3.

- Onde?
- Perpetrado por quem?
- Em que circunstância?

4. Em algum momento observaste algum tipo de comportamento sexual?

Sim.

Não.

Apenas se respondeste sim à questão 4.

- De que tipo?
- Em que circunstância?
- Com que frequência?

5. Em algum momento achas teres sido vítima de algum tipo de abuso?

Sim.

Não.

Apenas se respondeste sim à questão 5.

- Qual?
- Por quem?
- Em que circunstância?

6. Como classificas o teu relacionamento com as outras pessoas? Justifica a tua resposta.

7. Existe alguém de quem não gostes particularmente?

Sim.

Não.

Apenas se respondeste não à questão 7.

- Quem?
- Porquê?

8. Tens muitos amigos?

Sim.

Não.

9. Quais são os teus tipos de interesse no espectro sexual? Justifica a tua resposta.

10. Na tua opinião, o que é que achas que te levou a cometer este tipo de comportamentos? Justifica a tua resposta.

11. Porquê com estas pessoas? Justifica a tua resposta.

## DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO INFORMADO

Eu, \_\_\_\_\_  
(Assinatura do entrevistado), declaro que me foi facultada e explanada de forma cabal e clara toda a informação referente ao estudo, considero portanto, explícito o objetivo da investigação.

Considero, que fui informado (a) sobre o facto de me ser reservado o direito, de em qualquer instância, me ser possível recusar ou desistir da participação nesta entrevista.

Todas e quaisquer dúvidas (que possam ter surgido no entrevistado), foram devidamente atendidas e esclarecidas pelo investigador.

Declaro que me foi garantida, toda a confidencialidade e sigilo de todos os dados recolhidos, e que os mesmos de forma exclusiva, apenas servirão o propósito do estudo.

É salvaguardado (ao entrevistado), que os dados recolhidos após a investigação, serão devidamente arquivados em local protegido e inviolável.

Assim e para os devidos efeitos, declaro que de espontânea vontade, concordo com a minha participação nesta entrevista.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

O entrevistado

O entrevistador

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

(Pedro Alves)

## SOLICITAÇÃO DA AUTORIZAÇÃO DA GRAVAÇÃO ÁUDIO

Na sequência da presente investigação, solicita-se a autorização à realização da gravação áudio da entrevista por parte do participante, \_\_\_\_\_ (Assinatura do Participante).

A gravação áudio da entrevista, tem como propósito registrar e garantir a maior espontaneidade no relato, bem como, limitar o número de interrupções ao mínimo do exequível e assegurar assim, que a informação resultante na recolha de dados seja o mais fidedigna possível.

Comunica-se ainda, que após análise das respostas a gravação será devidamente destruída.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

O entrevistado

O entrevistador

\_\_\_\_\_  
(Pedro Alves)

**DECLARAÇÃO DE CONSENTIMENTO ESPECÍFICO DE INFORMAÇÃO**

Eu, \_\_\_\_\_(Assinatura da progenitor/a), e  
\_\_\_\_\_(Assinatura do progenitor/a), na  
qualidade de progenitores do jovem \_\_\_\_\_(Nome  
do jovem agressor), declaramos, que para os devidos efeitos, autorizamos a divulgação  
da informação médica/clínica e escolar, constante no processo clínico e escolar relativo  
ao jovem \_\_\_\_\_(Nome do jovem).

Consideramos, que nos foi facultada toda informação referente aos objetivos e ao  
tratamento dos dados recolhidos.

Todas e quaisquer dúvidas, foram devidamente atendidas e esclarecidas pelo  
investigador.

Declaro que me foi garantida, toda a confidencialidade e sigilo de todos os dados  
recolhidos, e que os mesmos de forma exclusiva, apenas servirão o propósito do estudo.

É salvaguardado aos intervenientes, que os dados recolhidos após a investigação, serão  
devidamente arquivados em local protegido e inviolável.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Os progenitores

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

O investigador

\_\_\_\_\_  
(Pedro Alves)

## SOLICITAÇÃO DE CONSENTIMENTO À CONSULTA DE DADOS

Serve o presente, para solicitar o consentimento à consulta do processo de promoção e proteção referente ao Jovem X, que se encontra sobre a alçada da Comissão de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens de Gondomar, com o intuito de procedermos a uma análise e recolha de dados que se possam mostrar relevantes e pertinentes, a um estudo de caso, intitulado “ Abuso Sexual Entre Adolescentes: Um Estudo de Caso”, que está a ser desenvolvido pelo aluno N° 28961, Pedro Filipe da Silva Alves da Universidade Fernando Pessoa e sobre a supervisão do seu orientador Professor Doutor José Soares Martins. Este estudo de caso, que se enquadra na unidade curricular Projeto de Graduação, servirá o propósito da obtenção do grau de Licenciado ao referido aluno.

Declaramos, que será garantida toda a confidencialidade e sigilo de todos os dados recolhidos, e que os mesmos de forma exclusiva, apenas servirão o propósito do estudo.

É salvaguardado, que os dados recolhidos após a investigação, serão devidamente arquivados em local protegido e inviolável.

Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

O investigador

C.P.C.J. de Gondomar

\_\_\_\_\_  
(Pedro Alves)

O orientador

\_\_\_\_\_  
(Prof. Dr. José Soares Martins)